



O COSMOPOLITA

Orgão dos Empregados em Hotéis, Restaurantes, Cafés, Bars e Classes Conjeneres

ANO II — N. 33

Rio de Janeiro, 15 de junho de 1918

REDAÇÃO
RUA DO SENADO, 215 — 217
Telefone — Central 1499

O empreendimento da U. J. T. R. J

O jornal operario

No seio do proletariado militante realiza-se neste momento uma intensa propaganda em favor de uma iniciativa que deve merecer o apoio entusiastico de todos quantos trabalham e sofrem, e em cujos cerebros brilha uma idéa de liberdade e de aperfeiçoamento humano.

Trata-se, nada menos que da criação de um jornal, um diario de feito material dos grandes organs da imprensa burgueza, mas vivificado e nobilitado pelos ideais de emancipação do proletariado, um jornal aparelhado para competir com qualquer dos da classe dominante, em todos os multiplos aspectos do jornalismo moderno, levando cada manhã ao lar, á fabrica ou á oficina, a par com o noticiario os «faits divers» da cidade, comentados á luz de um criterio racional e justo, a par do relato dos grandes acontecimentos científicos, sociais, politicos etc., ocorridos no paiz ou no exterior, a palavra tonificante da verdade e da justiça sobre as miseráveis condições da vida do proletariado, e a critica profunda das causas primaciaes dos seus sofrimentos e das suas amarguras.

Sabe-se que poderosa influencia tem exercido na historia da evolução da humanidade e que formidável veiculo de difusão do pensamento humano tem sido a imprensa através dos tempos. Mas com o desenvolvimento do industrialismo, com o aumento culminante em nossos dias, da exploração capitalista, a imprensa em sua unanimidade foi assenhoreada pelas classes dominantes e tornou-se um instrumento perigoso de escravização, instilando pelas suas colunas os embustes, as mentiras e os sofismas consagradores da exploração do homem pelo homem. A's causas mais indefensáveis e aos principios mais injustos ela dá guarida e os defende com uma desenvoltura que realmente ultrapassa o imaginável. O espetáculo deplorável e deprimente das classes trabalhadoras dessangradas e vilipendiadas pelo capitalismo, não encontra nas suas colunas o conforto de um brado de sincera revolta, e só de longe em longe limita-se a protestar com suspeitosa retubância contra certos efeitos, deixando propozitadamente de lado as suas causas primaciaes.

E porque a grande imprensa não procura analisar honestamente as causas da servidão economica e social a que está submetido o proletariado? A resposta é obvia: é porque para isso seria preciso que ela assinalasse que o mal estar do povo resulta da divi-zão da sociedade em explorados e exploradores, dominantes e dominados, uns que sofrem e outros que fazem sofrer... Ela pertence aos ultimos, é um instrumento servil da burguezia que a sustenta para a defesa dos seus interesses, e, portanto a sua missão esclu-ziva e unica é perpetuar

a ignorancia das massas populares para que estas continuem jun-didas ao carro opressor do capita-lismo.

Mas se as classes trabalhadoras, as castas privilegiadas e ociozas têm a sua imprensa, de cujas colunas defendem ás mil maravilhas os seus interesses de classe, cultuando de uma fôrma sistemática e insidiosa a verdade dos fatos ao povo, desviando o seu criterio e imbuindo-o de prejuizos politicos e economicos, uma imprensa que oculta ou deturpa os fatos ao sabor dos seus subalter-nos interesses; se as classes detentoras dos meios de produção e de permuta têm a sua imprensa, com maior razão os trabalhadores, a classe oprimida, os criadores de todas as riquezas, devem ter a sua imprensa propria, este instrumento necessario de rejeeneração intelectual, de emancipação integral, que sem peias de nenhuma natureza, decidida e convicta, deve romper contra todos tradiciona-lismos que obscurecem os cerebros e escravizam as consciencias, empunhando o ariete da verdade na demolição do velho edificio de injustiças e tiranias que é a sociedade atual.

E porque assim pensamos e sentimos é que trazemos nesta linhas a expressão do nosso decidido e entuziastico apoio a um empreendimento tão util aos interesses do proletariado.

O COSMOPOLITA, — e afigura-se-nos quasi ocioso diz-lo — como orgão de um ramo da classe trabalhadora componente da União Jeral dos Trabalhadores, vê no futuro diario um desdobra-mento da sua ação num campo muito mais amplo, e portanto de resultados mais fecundos para a cauza da emancipação proletaria.

A publicação semanal d'O Cosmopolita

E' uma antiga aspiração nossa a feitura semanal desta folha. E será, dentro de pouco, uma realidade efetiva. Assim o rezolveu o Grupo Editor, na sua ultima reunião, deliberando-se que a publicação semanal do Cosmopolita se inicie no proximo dia 9 de julho. Esperamos seja isso do agrado de todos e contamos, pois, com a decidida cooperação de todos no bom e duradouro ezito desta iniciativa, cuja necessidade a tanto sentiamos.

SOLIDARIEDADE OPERARIA

O conflito entre a Brahma e a Resistencia dos Cocheiros

O conflito surtido entre a Companhia Brahma e a Resistencia dos Cocheiros trouxe, no seu natural e lojico desdobramento a evidenciação de um fato, altamente propiciatorio: é que a solidariedade proletaria, este vinculo resultante da comunhão de sentimentos e de interesses de toda a imensa multidão escravizada e reduzida á ultima expressão da miséria pelo capitalismo avido e opressor, vai dia a dia deixando de ser uma couza vaga, abstrata, um mero tropo de simples efeito literario, para assumir, em toda a sua potencialidade, a fôrma concreta da energia e da vontade revolucionarias em magnifico surto para os seus grandiozos deizignios emancipadores.

A classe trabalhadora, percebe-se bem é hoje um corpo harmonico que se considera por igual atingido quando qualquer dos seus membros é por alguma fôrma afetado. E assim realmente deve ser, é este o unico meio com o qual os trabalhadores podem realizar a conquista do seu bem estar, emancipando-se economica e moralmente da tutela capitalista.

Foi, pois, em consequencia dessas idéas e principios que começam a inspirar o proletariado que a grêve dos cocheiros da Companhia Brahma conseguiu atrair sobre si o interesse e a simpatia das classes trabalhadoras organizadas, esteriorizados num indignado protesto contra a prepotencia da Brahma.

Comquanto sejam as causas orijinarias desta questão mais ou menos conhecidas, convém ainda uma vez reproduzi-las em suas jerais: como se sabe a Prefeitura Municipal, sancionando um acordo efetuado entre os proprietarios de carroças e a Resistencia dos Cocheiros, por intervenção do sr. Wenceslau Braz, baixou ha tempos um decreto estabelecendo o dia de 12 horas para a classe dos cocheiros e carroceiros. A Companhia, naturalmente alentada pela sua poderosa influencia, pretendeu desde logo opôr-se á execução desse decreto, procurando burla-lo a todo transe. Contra isto se insurjiram os trabalhadores da Resistencia ali empregados.

Dentre estes os mais insubmissos iam sendo, pouco a pouco, atingidos pelas perseguições que a direção da Companhia fazia dezcadear sobre as suas cabeças, umas vezes sob a fôrma de suspensões, e outras pela demissão sumaria e iniqua, sem atender a que muitos daqueles homens haviam desperdiçado ao serviço da Companhia e, portanto, em proveito da sua prosperidade, grande parte das suas energias, em muitos anos de trabalho. Revoltados com as injustiças e violencias da direção, o resto do pessoal rezolveu declarar-se em grêve. E a Companhia Brahma, sempre prepotente, e procedendo, aliaz, como bons burguezes, abroquelou-se na sua força e jurou aos seus deuses que levaria a sua intransjencia até aniquilar pela fome os que ouzavam pôr em cheque o prestijio da autoridade e disciplina serenamente mantidos nos seus dominios cazerneiros.

Tendo ao seu inteiro dispôr o auxilio prestimozo da policia, por intermedio do não prestimozo tenente Limociro, afigurou-se-lhe que facil seria a tarefa de reduzir á impotencia os seus insubmissos e recalcitrantes escravos.

Já anteriormente celebrizado com identicas fanças o marvolico tenente, com o olho em polpudas gorjetas, arrebanhou pelas sarjetas da cidade todo o lixo humano composto desses desgraçados aos que o regimen capitalista condena a formarem nas filas negras dos sem trabalho e que, famintos, sem energia, sem vontade, abatida a dignidade, consentem a troco de escassos mil réis, em tirar os seus irmãos de infortunio em luta contra os inimigos comuns.

E desse modo julgou a Companhia Brahma ter dado solução ao conflito havido entre ela e a Resistencia dos Cocheiros.

Acreditamos, porém, que não. Ao lado desses companheiros lançados iniquamente á rua erguem-se solidarias as classes trabalhadoras organizadas, dispostas a demonstrarem á poderosa Brahma que acima do prestijio do seu ouro

Açambarcador e intermediario

Uma das tezes que hoje figuram na «ordem» do dia dos defensores do vivente rejimen social, é a carestia da vida. Em todos os paizes, as mais altas sumidades, as mais illustres e preclaras inteligencias, têm-lhe «dedicado» um aturadissimo estudo que está dando orijem a uma infinidade de artigos, qual deles o mais disparatado, publicados na imprensa, enchendo colunas e mais colunas dos seus jornais. Nos parlamentos, quando algum deputado quer fazer figura, ou se quer divertir á custa do povo esfaimado e escorchado, pede a palavra e começa a dissertar sobre o magno assunto. Em tempo de eleições, os partidos politicos, cada qual para provar a superioridade dos seus «pais da patria», servem-se da carestia da vida. De fôrma que, hoje, a carestia da vida é pau para toda a obra. E os governos, desde os primeiros dias, vêm prometendo rezolver a questão: — Que estão também estudando o assunto...

O que todos são unanimes em concordar, é na culpabilidade do açambarcador e intermediario. Barafusta o jornalista, berra o deputado, e o povo em jeral clama. O mais engraçado de tudo isto é que o comercio, cá-de largo, mãos nas aljibeiras, também dá o seu apoio.

Mas então, onde diabo estarão esses dois «sujeitos»?

Eis o que ainda não conseguimos saber, isto é, ainda não conseguimos saber esses senhores, que só agora, com a guerra, que trouxe o seu agrava-mento, deram pela existencia da questão social a que deram o nome de carestia da vida. Só agora a burguezia sabe que ha jente que não tem pão para comer, quando, já muito antes da guerra, havia quem lentamente morresse á fome. E porisso agora a burguezia anda muito «solicita» em procurar rezolver a questão, que é «muito complexa», devendo, portanto, o povo e perar com paciencia pela sua solução. E passam-se os dias, os meses, os anos, e o povo, o bom povo rezignado e obediente, e ao mesmo tempo também, — permitam-me a fraze — papalvo, besta e estúpido, vai esperando, esperando sempre, como os «sebastianistas», ha perto de dous seculos esperam pela volta de D. Sebastião que, segundo a profecia, deve aparecer numa manhã de nevoeiro.

Eu, que não sou nenhum «notavel», porque nunca perdi o meu tempo pelas universidades compulsando os velhos alfarrabios do «Direito», com os poucos conhecimentos que possuo, bastam-me duas linhas para pôr a questão, no seu verdadeiro pé e acessível a uma rapida conclusão.

Diz a Historia o seguinte: em todas as épocas, em rejimen de propriedade privada, existiram sempre o açambarcador e o intermediario. Estes dois «sujeitos» fazem parte integrante do comercio, e tudo o que seja comercial, está, por consequente, absolutamente identificado com «eles».

O «segredo» que, como bem diz o ditado, «é a alma do negocio». E como a guerra fez perder a cabeça a esses «sujeitos», que cada vez expandem mais os seus anceios egoisticos, deram muito nas vistas, e por isso agora ha muito quem fale deles, — mas poucos são aqueles que os apontam...

Cá para mim, se não levam a mal o fazer uma profecia, a solução do problema da carestia da vida deve vir numa noite calijinoza, feita por entre o tumulto do espaço, ao fuzilar dos relampagos e o ribombar dos trovões, e cuja data de realização depende apenas da vontade popular...

Abençoada noite essa!

Izidoro Augusto Silva.

paixa muito alto o sentimento de solidariedade das classes trabalhadoras que hão de saber vingar a injustiça de que foram vilimas os companheiros atingidos pela sua tirania.

O Centro Cosmopolita, deslindados os seus compromissos que o mantem prezo á Brahma, saberá, estamos certos, cumprir o seu dever.

Boicôtêmõs a Brahma!

A Russia livre

Quem folhear com atenção as obras produzidas por essa falange de escritores, quer seja no conceituado campo da filozofia, da sociologia ou da literatura propriamente dita, na qual a Russia tem sido tão fértil, verá transpirar a sua essencia impregnada de rebeldia e sedenta de liberdade e justiça, encontrando a psicologia sintetica de um povo audaz, que através dos tempos saudava com anhelante esperança, a aurora redentora, que agora começa a despontar nos horizontes, dos mais puros e sublimes ideais.

Turguenew com sua *Estrela Polar*, esparjando desde o erilio os raios mais luminosos de suas nobres aspirações, semeava a seara que só muito mais tarde havia de frutificar, e o seu *Sino* tanguido desde longe, fazia vibrar os sentimentos da juventude *Moscovita* provocando aquela luta titanica entre novos e velhos, entre uma jeração que se preparava para derrubar um mundo de opressão e tirania e outra que se aferrava aos seus preconceitos de casta querendo eterniza-los, triunfando finalmente aquela que inaugura o periodo heroico do Nihilismo.

Quem se quiser dar ao trabalho de folhear a historia da Epopeia Russa, de 58 annos a esta parte, certificar-se-á que a revolução que agora ajita aquele povo, não surtiu do golpe de estado de 4 de março de 1917, mas sim é o fruto de muitos esforços, de muita abnegação e de muito trabalho levado a efeito por uma pleiade de fortes e bons que, nunca se pouparam nesta luta de gigantes sustentada com a galhardia de prozelitos de uma cauza santa e nobre.

A fortaleza de Pedro e Paulo foi o tumulo de muitos dos seus iniciadores, e as paredes de seus calabouços ainda hão de falar-nos, na linguagem tetra de sua mudez, dos horrores prajenciados, transmitindo-nos no eco dos seus subterraneos os lamentos do torturado Karakosow e os jenidos planjentes de Sofia Perovskaia ao «dzier» adeus para sempre á vida, subindo como uma verdadeira heroína os degraus do patibulo!

Quantos e quantos atos de abnegação praticados por esse punhado de bravos que voluntariamente abandonavam os seus reijos palacios rasgando os seus titulos de nobreza, para vir ao seio da massa proletaria pregar entre os camponezes o grande evangelho a — Terra para todos!

Velho ideal este alimentado no cerebro do *mujick* desde os tempos mais remotos, e muito accentuado nos ultimos annos do reinado de *Nicolau I*, quando com «suas promessas de reformas fazia estremecer o coração do servo na sua ancia de liberdade.

Ele reconhecera que de nada lhe valeria a sua prometida liberdade desde que a terra continuasse em poder do amo, por isso equivaleria a perpetuar a sua escravidão, e daí a grande luta empreendida em prol deste direito incontestavel que todos temos ao patrimonio natural.

Quantas vezes o latigo do cossaco foi brandido para sufocar esta aspiração! quantos camponezes foram levados á esquadra para sofrer os horrores da *vaca*, para matar em jermem o grande ideal entranhado no cerebro do habitante da *esteppe*, sem conseguir entrar a marcha progressiva desta grande doutrina defendida por Tolstoi e outros tantos abnegados desta grande cauza!

Nulos foram os massacres, as priziões em massa e as centenas de espulsois aos confins da Siberia: os Romanovs garantidos pela *Santa Protecção* vêm num momento os seus privilegios á beira de um abismo, tremem, perdem o equilibrio, e nos calabouços que hontem serviam para encarcerar os apóstolos da liberdade, vêm perpassar pela sua mente os quadros mais belos da insurreição polaca que eles mandaram sufocar em sangue.

Podem pois os membros desta dinastia cuja existencia passou á historia — e com ela todas as instituições que pretendem pela violencia fazer valer seus privilegios absurdos — certificar-se que, não ha carcere capaz de aprisionar sob suas muralhas um ideal que se popô transformam um rejimen de opressão numa sociedade de livres e eguaes.

Manoel Perdígão Saavedra.

Santos, fevereiro de 1918.

Não ha governos melhores que outros: é só onde ha maior somade iniciativa e de solidariedade, onde o povo sabe uzar e defender as suas conquistas positivas, que estas são respeitadas.

Neno Vasco.



Gouzas...

A caso

— A mizancêdo do ultimo truque arquitetado pelo sr. Aurelinoff e posto a nù pelo famoso matutino do não menos famoso patachôla Luiz de Matos.

P'ra tudo isso, ha porem, uma razão supinamente jornalístico-policesca.

— O chanceler da rua Larga, rejeitar terminantemente a indicação do seu nilissimo nome á goiabesca prezidencia do seu *pegnhissimo*... Estado.

Questão de temperamento e de feitos, através do atual momento historico. Mais quatro anos... heim, não acham?

Ao pé da letra

— O reconhecimento pompozo do honradissimo e pauperrimo fidalgo conde Modesto Leal, mizero fazendeiro fluminense, eleito senador federal pelas terras dalem Distrito... Federal.

Não estivessesmos nós no primeiro paiz brasileiro do mundo!

— A velha escolha para chere da Nação (nação, em ultima analize, é sinonimo franco de sindicato politico) do microcefalo que já não trepida em torcer os queixos a muitissimo bucefalo do carrapaticido rebanho que ha de constituir todo o futuro quatrienio de dupla compressão interna.

— No intimo do escravocrata reviva o fêro Pinheiro, diria, desconsolado, qualquer nosso conselheiro Acacio, atacado gravemente de patriotidite cronica e destemperada...

Comicissimas

— O succulento codigo do trabalho abortado ali para os lados do Obelisco, sob o infucso místico e bemfazejo do *leve sopro da brisa*, e do ruido, quasi imperceptível dos automoveis de luxo e dos aplausos entusiasticos da encagaçada filantropia oficial.

Em terra de vesgos...

— A entrevista concedida ao A. B. C., pelo arquillustre parlamentar Nicanor do Nascimento dos Seus Amores e Silva. Palavra d'honra: é um documento valioso, empolgante, retrospectivo, inequalavel, quer na ecencia quer na forma e que bem recomenda, não só a sapientissima pessoa do gloriozo pai da Patria, como a função elastica e profundamente honesta de que s. e. se reveste.

Decididamente o proeminente entezario esqueceu-se de si proprio. E fez-me lembrar aquela retumbante e patriótica sentença: «o reu confessa o crime!»

Espressivas

— O recente jesto de solidariedade da U. dos T. em F. de Tecidos, para com o Centro Cosmopolita, no tocante do atrito havido entre esta associação e a Cervejaria Brahma. Antes assim...

— A aprovação, com varias emendas, das bases de acordo-modelo, apresentadas á U. da C. Civil pelo camarada Gago Filho. Belo sintoma de reintegração... anticarranquejira.

Impossiveis

— O nosso Pimentinha regularizar a publicação do seu COSMOPOLITA quinzenario.

E' mais facil o comendador Cá-te-espere, sentir Deus Nosso Senhor nas dependencias subterraneas da City...

— A imprensa-colosso, deixar de tanto escarrar asneiras, calunias e vituperios, quando as penas venais, idiotas e muarescas dos *respequitos redaquitores*, rabiscam o minimo suelto sobre a revolução social na Russia.

E' incontestavel: o periodo cavilozto atinje o auge. Mas a chama triunfal da purificação, a labareda rendentora, a fogueira que saneia a vida... já crepita, estruje indomita e viril, devora, derriba, avolumenta-se...

Depois, então, sim, esses periodos formam apenas, a visão de lama do passado que é hoje o apañajo da falange aladroada e a vergonha maxima dos que marcham céleres, a par da historia...

E'scêbê

U. J. dos Trabalhadores do Rio de Janeiro

Secretaria: Acre, 19

SÉDES DOS SINDICATOS ADERENTES:

União dos O. em Fabricas de Tecidos — Rua Acre, 19. Telefone C. 5754.

Sindicato dos Operarios das Pedreiras — Praça Tiradentes, 71.

União dos Metalurgicos — Rua Teofilo Otoni, 81.

União dos Officiais Barbeiros — Largo do Rozario, 84.

Sindicato do Entalhadores — Rua do Senado, 215.

União dos Operarios em Calçados — Rua da Constituição, 21.

União dos Alfalates — Rua da Alfandega, 182.

União da Construção Civil — Rua Gomes Carneiro, 14.

Sindicato dos Marceneiros e Artes Correlativas — Rua do Senado, 215.

Liga Federal dos Empregados em Padaria — Praça Tiradentes, 71.

Centro dos Operarios Marmoristas — Praça Tiradentes, 71.

Sindicato Federal dos Manipuladores de Tabacos — Praça Tiradentes, 71.

Centro Cosmopolita — Rua do Senado, 215. Telefons C. 1499.

Resposta aos caluniadores

(Fazemos nossos os versos seguintes, de Gomes Leal, estraidos da poesia TOAST A' IDE'A)

Caluniador's chatins, ô vitoras daninhas, sapos, escorpiôis, chatas rãs, coaxai! Babujai a peçonha e o proprio puz em tudo. O sol ha de raiar com seu rutilo escudo. Nós vamos para a Aurora... A grande nau lá vai.

Vamos na grande nau. Já vemos terra perto, glaucas ervas do mar e o maritimo funcho... Vós, ô rãs, coaxai no lodo contra o barco!

Todo o sapo quer brejo, e toda rã quer charco. Toda a podre madeira o dente do caruncho.

Enquanto vós uivais como lobos na neve no silencio cavado e o ermo dos escombros, nós vamos para o Sol, destemidos e bravos, á lua das marés, quais reis Scandinavos, cabelos aos tufôis, peito são, largos hombros.

Gomes Leal.

A guerra

E' a guerra aquele monstro que se sustenta das fazendas, do sangue e da vida e quanto mais come e consome menos se falta. — A. Vieira.

Troa com ruído lugubre de morte, o canhão. Rasga os ares em sibilos urajicos, atordoando os ouvidos, levando por toda a parte a canção macabra de devastação e de aniquilamento de vidas humanas.

As metralhadoras e os fuzis aos centenaes, aos milhaes, entoam tambem o seu cantico funereo.

Onde a vista quer que se depare, só se afigura o imenso trabalho de destruição e de morte destas maquinas infernais.

Imensas nuvens de fumaça enchem o espaço de composições mefiticas: são gazes affascinantes.

A brevissimos intervalos explodem, como bolidos em auréola de fogo os obuzes.

A sinfonia terrificante aumenta de intensidade, até alcançar o zenit do dezonvolvimento.

E a batalha cruenta, a luta feroz e implacavel, começa a ceifar um mundo de existencias — na primavera da vida — votados em holocausto ao insaciavel Molock do militarismo.

A sanguinolenta contenda requer um ataque á baioneta.

Milhaes de homens lançam-se, como bestas feras, uns contra os outros, á conquista de uma resga de terra.

Muitos são perpassados de parte á parte pelo ferro fric que aos raios do sol têm reflexo de prata, e ali encontram o seu fim — ingloriozo fim.

Outros jazem feridos, pedindo socorro pelo abundante songue perdido, mas a hora não comporta piedade — ai dos vencidos!

Os que conseguem ficar ilezoz nesse turbilhão de ferro e de sangue, continuam avançando em furoes espedimicos para alcançar a palma da victoria. Em vão!

O campo de batalha está semeado da mortos; jemidos punjentes dos feridos cortam o espaço como imprecações e blasfemias, mas nenhum dos titans conseguiu aniquilar o adversario.

Cessa o infernal ruido da artilharia.

A noite dece, abrindo com negro manto, o ezeorando teatro da luta fratricida.

Recolhem-se os soldados em suas trincheiras e contam-se.

Oh! quão poucos ficaram.

Quantos faltam! E quantos morrerão por falta de socorros, amaldiçoando a guerra, e com o nome de seus caros nos labios.

Os vivos lembram a imagem sagrada de suas esposas que ha largo tempo os esperam, numa longa e interminavel vijilia com os olhos enxutos, porque se lhes secou a fonte amarga das lagrimas, e o coração despedaçado pela dor e pela angustia infinitas — sempre com o temor, sempre com o medo que de dia para dia, de hora para hora, venha a horripilante nova.

E eles recordam em convulsões freneticas, os filhos. Ah! sim os filhos. Os seus entes queridos — carne da propria carne, sangue do proprio sangue... Quando voltavam do duro labor quotidiano, as garrulas crianças vinham encontra-los, qual bando de andorinhas, e os seguravam pelo paletó, pelas calças, e queriam beijos, muitos beijos.

Com que pezar, com que martirio com que tortura de Tantalô, voltam á memoria as santas efijies das familias.

Lusco-fuscos

Matas um homem, porque é um anormal, logo um irresponsavel: tens contra ti a maldição dos céus e dos «homens» como tu. Fazem-te guerreiro, matas milhaes d'homens, — é a personificação ideal do sentimento patrio: tens a cobrir-te de bençãos o jenio maquiavelico dos Deuses e a loucura homicida dos teus iguais... — S. B.

Agoniza o outono. Outono de sangue e desvario. Como tantos outonos que lá vão... Como tantos outonos que hão de vir...

Vidas! Vidas! Vidas imoladas! Quantas?... Almas fortes em declinio!... Carateres que tombam esvaídos em lama e podridão! Sentimentos voraes que se debatem nas convulsões satanicas do egoismo impuro e da neuroze milenara do esterminio.

A vergonha-mater assume proporções fantasticas. Adquire um aspéto extraordinariamente trajico e polimultiforme. Prosegue periclitante na sua trajetoria sinuozta e lugubre. Vence o negro zenit... E com ela os corvos da historia...

Dê Marte, o fragor tronitroante e fraticida e o gargalhar mavortico, patético, ancestral, estalam pelo tenebrozo ambito em fóra, como um latigo macábto, a trogloditaliza-lo, a ele — o Homem-escarro potencial da criação.

De Mercurio o sorriso hipocrita e maligno, a expressão tigrina e rija, e o grave olhar, hienico, implacavel, crivado ha seculos no tempo infitissimo dos calculos, laureado pelo Roubo e pela Morte, fascinado pelo ouro que lhe róla aos pés, ouro que retrata ao vivo a degradação e a mizeria de jerações inteiras.

De Momo, o sarcotear dezongonçado em curvaturas e remeiois dum sensualismo emporcalhado e vil; todo rizo irritantes, debochados, retorcendo-se em pornograficos requêbros, desfeito em mil esgares e obcenos trejeitos, parindo palavras ócas, adornadas de imundicie pura, ao son de cantarolatas idiotas e truanecos rufares.

De Baco, a apoteoze libidinoza e perversora, apojeu da glorificação suprema do gozo bestial e da desgraça nua...

Oh! a epopéia do Mal!

Barb.

E agora condenados á pena, peor que a de talião; á espera da morte — quazi como uma benção — todos os dias, todas as horas, para que os livre daquele martirio inaudito, — martirio do corpo, martirio da alma.

E um grito, que é um simbolo, ruje, apossa-se deles, e como que dominados por uma força superior ás proprias forças e a todas as disciplinas, inconcio de perigo que acarreta, qual expressão lansinante, parte de seus peitos como um vomito e uma ameaça:

Abaixo a guerra!

A. Vianeto.

A escola no futuro

Perguntava eu um dia a Mazzini que medida tomaria para a emancipação do povo, quando sua republica unitaria se achasse definitivamente estabelecida.

— A primeira medida — disse-me — será a fundação de escolas populares.

— E que se ensinará ao povo nessas escolas?

Os deveres do homem; o sacrificio e a abnegação.

— E aonde se achará um numero sufficiente de professores para ensinar essas couzas, que ninguem tem o direito nem poder para ensinar se não com o ezeemplo? Não é reducidissimo o numero de homens que acham o supremo gozo no sacrificio e na abnegação? Os que se sacrificam no serviço de uma grande idéa, obedecem a uma paixão elevada, e «satisfazendo esta paixão pessoal», sem a qual a vida perde todo valor para eles, ordinariamente não pensam em outra couza que em erijir sua ação em doutrina; enquanto dela fazem uma doutrina costumam olvidar-se de traduzi-la em ação, pela simples razão de que a doutrina mata a espontaneidade e a ação.

Os homens como Mazzini, em que a doutrina e a ação formam uma admiravel unidade, não são muitas raras exceções. Tambem no cristianismo ha grandes homens, santos homens, que fizeram realmente, o que ao menos se esforçaram para fazer o que diziam, e cujos corações, transbordantes de amor, estavam cheios de desprezo para os gozos e os bens deste mundo. Mas a imensa maioria dos sacerdotes catolicos e protestantes que, por officio, predicaram e predicam a doutrina de castidade, da abstinencia, da renuncia, desmentem sua doutrina com o ezeemplo. Não foi a tôa que, depois de uma esperiencia de muitos seculos, formaram-se nos povos de todos os paizes estas frases: «Libertino como um cura. Ambiciozo como um cura. Gulozoz como um cura. Avaro, interessado como um cura».

Conste, pois, que os professores das virtudes cristãs, consagrados pela Igreja, os sacerdotes, «em sua imensa maioria», hão feito o contrario do que predicaram. Esta maioria mesma, a universalidade do fato, prova que não deve lançar-se a culpa aos individuos, senão á posição social, impossivel e contraditoria em si mesma, na qual esses individuos se acham collocados.

Ha na posição do sacerdote cristão uma contradição. Em primeiro lugar, a da doutrina de abstinencia e renuncia ás tendencias e necessidades positivas da natureza humana, tendencias e necessidades que em alguns cazos individuais, sempre rarissimos, podem muito bem ser continuamente rechassados, comprimidos e até completamente aniquilados pela influencia constante de qualquer paderoza paixão intelectual ou moral; que, em certos momentos de exaltação coletiva, podem ser olvidados ou descuidados durante algum tempo e por uma grande quantidade de homens a um tempo; mas que são tão increntes á nossa natureza, que sempre acabam por recobrar seus direitos, de modo que, quando não são satisfeitas de uma maneira regular e normal, são sempre, por fim, substituidas por satisfasções prejudiciais e monstruozas. E' uma lei natural e por conseguinte, fatal, irresistivel, debaixo de cuja funesta ação caem inevitavelmente todos os sacerdotes cristãos e especialmente os da igreja catolica romana.

E ha outra contradição comum a uns e outros.

Esta contradição se acha unida ao titulo e á posição mesma do amo.

Um amo que manda, oprime e explora é um personagem muito lojico e completamente natural. Mas um amo que se sacrifica por seus subordinados, graças ao seu privilegio humano é divino, ou completamente impossivel.

Eis ali a constituição da hipocrizia, tão bem personificada pelo papa, que, intitulado-se o ultimo dos servidores de Deus, para prova-lo, parodiando o Cristo, lava uma vez por ano os pés de doze mendigos de Roma, se proclama ao mesmo tempo vigario de Deus, como absoluto e infalivel do mundo.

Precizarei recordar que os sacerdotes de todas as Igrejas, lonje de sacrificar-se pelos rebanhos entregues aos seus cuidados, sempre os sacrificaram, exploraram e mantiveram no estado de rebanhos, em parte para satisfazerem suas proprias paixões pessoais e em parte para servir a onipotencia da Igreja? As mesmas condições, as mesmas cauzas, produzem sempre iguaes efeitos. O mesmo sucederia portanto, com os diretores da escola atual, divinamente inspirados e collocados pelo Estado. Formar-se-ão necessariamente, uns sem sabê-lo, outros com pleno conhecimento de cauza, os mestres da doutrina do sacrificio popular ao poder do Estado e em proveito das classes privilegiadas.

Será, entretanto, necessario eliminar da sociedade todo o ensino e abolir todas as escolas?

Lonje disso. E' necessario propagar a instrução nas massas e transformar todas as igrejas, todos os templos dedicados á gloria de Deus e á escravidão dos homens em outras tantas escolas. Mas, em primeiro, entendamo-nos. As escolas propriamente ditas, em uma sociedade normal, baseada na igualdade e no respeito da liberdade humana, não deverião existir senão para as crianças, e afim de que sejam realmente escola de emancipação e não do escravidão, seria necessario, antes de tudo, eliminar a ficção de Deus, o escravizador eterno e absoluto. Seria necessario fundar a educação e a instrução das crianças no dezonvolvimento científico da razão, e não na fé; no dezonvolvimento da dignidade e da independencia pessoais, e não no da piedade e da obediencia; no culto á verdade e a justiça, e, acima de tudo, o respeito humano que deve substituir em tudo e por todo o respeito divino. O principio de autoridade é, na educação da criança, o ponto de partida natural. Mas como o dezonvolvimento de qualquer couza, e por conseguinte o da educação, implica a negação successiva do ponto de partida, este principio deve ir-se eliminando conforme avancem a educação e a instrução, para deixar logar á liberdade acendente.

Toda a educação racional não é no fundo outra cauza que esta imolação progresiva da autoridade em proveito da liberdade, pois o objetivo final da educação deve ser formar homens livres e cheios de respeito e de amor á liberdade alheia. Assim, o primeiro dia de vida escolar, se a escola recebe crianças de tenra idade, quando começam apenas a pronunciar uma ou outra palavra, deve ser o da maior autoridade e o de uma auzencia quazi completa de liberdade; mas o ultimo dia deve ser o da maior liberdade e da abolição absoluta de todo vestigio do principio animal ou divino de autoridade.

Este principio, aplicado aos homens chegados ou que já passaram de sua maioridade, torna-se alguma couza monstruozta, uma negação flagrante da humanidade, um manancial de escravidão e de depravação intelectual e moral. Por desgraça os governos paternais têm permitido que as massas envelheçam em tão completissima ignorancia, que será necessario fundar escolas não só para crianças, senão tambem para os adultos. Destas escolas deverião ser eliminadas em absoluto as menores applicações ou manifestações do principio de autoridade. Não serão academias populares, nas quais não poderá uzar-se o tratamento de mestres e dicipulos, ás quais o povo irá livremente, se o julgar necessario, um ensino livre, em que, rico em esperiencia, poderá por sua vez ensinar muita couza aos professores que lhes transmitam os conhecimentos que ele não possua. Será, pois, um ensino mutuo, um ato de fraternidade intelectual entre a juventude instruida e o povo.

As verdadeiras escolas para o povo, para todos os homens feitos, é a vida. A unica grande e onipotente autoridade natural e racional, a um tempo, a unica que poderemos respeitar, será a do espirito coletivo e publico duma sociedade baseada no respeito mutuo de todos os seus membros. Sim, eis a uma autoridade que não é de nenhum modo pviin, a completamente humana, e ante a qual nos inclinaremos de bom grado, seguros de que, lonje de escraviza-los, emancipará os homens. Ficai certo de que ela será mil vezes mais poderosa que todas vossas autoridades divinas, teolojicas, metafizicas, politicas e juridicas, instituidas pelo Estado; mais poderozas que vossos codigos, vossos prezos e vossos verdugos.

O poder do sentimento ou do espirito publico é já hoje muito serio. Os homens mais expostos a cometer crimes se atrevem poucas vezes a desafiar-lhe, a afrontar-lhe sem dissimulações. Tratarão de enganar-lhe, mas se reservarão provocar-lhe, a menos que se sintam apoiados por uma minoria qualquer. Nenhum homem, por poderoso que se julgue, terá jámais a força necessaria para suportar o desprezo unanime da sociedade; ninguem saberá viver sem sentir-se sustentado pelo assentimento e o apreço ao menos de uma parte da sociedade. E' necessario que o homem seja impellido por uma intensa e muito sincera convicção para que encontre o valor sufficiente para opinar e avançar contra todos. E jámais haverá tão egoista, depravado e vil, como seria necessario ser para ter esta corajem.

Nada melhor que este fato para provar a solidariedade natural e fatal que liga a todos os homens. Todos podemos ver todos os dias esta lei em nós mesmos e nas pessoas a quem conhecemos. Mas, se existe um poder social como este, por que não tem sido bastante para moralizar a todos os homens?

A luta permanente

Quantas vezes a ciência dos livros foi a causa de um atraso e até mesmo de um retrocesso na ciência dos fatos. — **Elzeu Reclus.**

A luta nas sociedades humanas, foi e sempre será permanente. Ela tem-se realizado desde os tempos mais remotos, sob diversos aspectos e por causas diferentes; quer pelas condições de vida, criadas numa determinada coletividade; quer pelos odios que têm predominado em todas as sociedades; (odios de raça) como também pelo egoísmo torpe dos que se tem arvorado em dirigentes das massas populares, consideradas como a besta de todos as épocas por que se têm deixado roubar moral e intelectualmente.

Os indivíduos que mais tem concorrido para o desequilíbrio da humanidade foram os sacerdotes propagandistas das diversas religiões causadoras do entorpecimento dos povos, os escribas monopolizadores das letras, e os imperadores que pela astúcia roubavam e massacravam a humanidade tendo em conta simplesmente a satisfação dos seus vícios e vaidades. Além disto esses povos, enganados e roubados, foram sempre considerados como a couza mais infima existente no nosso planeta.

Mas não tardou o momento, em que do meio dessa massa anônima surtiram talentos capazes de fazer reviver no seu espírito, um ato de revolta que estabelecesse a harmonia, entre os homens; as revoltas não podem ser contadas por que têm sido infinito o numero delas, mas podem-se contar algumas das mais célebres e já conhecidas duma grande parte dos homens como a Revolução Francesa no século XVIII que fez ruir por terra a nobreza, na Itália que aboliu a dominação do papado, em Chicago para conquista das 8 horas de trabalho, e as que nós vemos a cada momento. Em todas estas revoltas têm sido vitimados uma grande parte dos que trabalhavam em prol do bem estar humano, mas isso não importa porque é a idéia que se manifesta é a Anarquia que se aproxima cada vez mais, para o aperfeiçoamento desta infeliz humanidade que pouco a pouco se vai despreendendo das fortes correntes que por muitos séculos lhe foram colocados.

Os senhores possuidores de todas as riquezas sociais mais temem cada dia que passa, que lhe seja arrancado aquilo que pela astúcia e pela compressão eles tem conseguido deter em suas mãos.

Foi presentido tal perigo que não tardaram muito que fizessem aparecer uma nova instituição, tendo como fim defender esse capital acumulado, tendo como recompensa, uma parte dessa acumulação estes defensores do alheio não têm tido escrúpulos em prender e matar todo aquele que tiver o arrojo de sair á praça publica e proclamar os direitos dos povos.

Surjem depois os «juristas-políciais» para legalizar os seus crimes e punir os dois que pedem o que lhes pertencem, para prova disso ai estão ajindo na capital desta livre Republica os Innocencios e Torquemadas modernos, Leal, Melo e C.

E. Manjon.

A escola no futuro

(Continuação da 2ª pag.).

Simplemente porque, até agora, este poder não tem sido humanizado; porque a vida social, de que sempre é fiel expressão, se baseia, como é sabido, no culto divino e não no respeito humano; na autoridade, não na liberdade; no privilegio, não na igualdade; na exploração, não na fraternidade dos homens; na iniquidade e na mentira, não na justiça e na liberdade. Por conseguinte, sua ação real, sempre em contradição com a teoria humanitária que professam constantemente tem exercido uma influencia funesta e depravadora.

Não comprime os vícios e os crimes, cria-os. Sua autoridade é, por conseguinte uma autoridade divina, anti-humana: sua influencia é prejudicial, funesta.

Quereis torna-las humanas e bemfeitoras? Fazei a Revolução Social. Fazei que todas as necessidades se tornem realmente solidarias, que os interesses materiais e sociais de cada um se achem de acordo com os deveres humanos de cada um. E para isto não ha mais que um meio: a destruição de todas as instituições da desigualdade; a fundação da igualdade económica e social de todos, e sobre esta base se elevará a liberdade, a moralidade, a humanidade solidária de todos.

Miguel Bakunin

Calma, "apenas"

Novamente recomeça a mais franca animação nas assembleias do C. C., em torno da questão do descanso semanal.

— Calma, rapazes, que «atrás do tempo tempo vem»...

Sirva-nos de exemplo a guerra actual. Os combatentes recuam hoje dois quilómetros, amanhã quatro, depois oito, e os jornais favoráveis á «causa» continuam cada vez mais empenhados em convencer-nos da victoria do determinado grupo beligerante. «As nossas forças recuaram apenas tantos quilómetros». Desbarata-se um exercito, desmantela-se uma cathedra historica, arraza-se uma cidade, devastam-se os campos, e os jornais continuam impavidos: «Apenas romperam uma linha», «apenas destruíram uma igreja», «apenas se apoderaram de uma cidade»...

Não também não temos, para que digamos, fortes razões para dezanarmos. Apenas precisamos dar tempo ao tempo, porque a nossa victoria é infalível. E ai temos o exemplo mais frizante da actualidade, passando uma vista d'olhos nas secções de anuncios dos jornais. Todos eles pedem insistentemente braços para as novas e velhas industrias. Não será também altamente significativo o jeto do polvo canadense, a insaciavel Light, ter aumentado os salarios dos seus empregados, annunciando a sua disposição de readmitir os empregados demittidos, de todas as categorias e em qualquer época.

Portanto, camaradas, lutemos, porque as forças da opressão e da exploração terão que baquear ao impulso dos nossos golpes!

Evidentemente está provado que ha no C. C. elementos aproveitáveis para todos os mistérios imagináveis. E como se aproxima o dia do sermos reconhecidos homens, como homens que somos, teremos, então, tempo para educarmos-nos, dedicando-nos uns á muzica, outros á literatura, enfim cada qual seguindo as proprias inclinações. Segundo todas as probabilidades apparecerá um grupo de amadores da arte de Talma. Fomos levados a esta convicção depois da ultima assembleia de classe, na qual tivemos ensejo de ver o cabo «Elizão» o popular personagem da celebre revista «Capote e lenço», desempenhado pelo nosso muito respeitabilissimo presidente. E não fora a circunstancia da cadeira em que o mesmo estava sentado ser dotada de valentes braços o nosso «Cabo» teria caído ao chão num acesso de delirio provocado pelo hurra levantado pelo bibliotecario que, seja dito de passagem, nos daria um excelente «Narcizo»...

O camarada A. F. Mariano tambem nos daria um sofrível «80», trazendo como sensacional novidade o que ha trez dias andava pelo noticiario dos diarios...

E ainda temos outros com excelentes aptidões para fazer o pateta alegre, e que atropelando toda as boas propostas, ainda, por cima, realizam o prodigio de fazer-se aplaudir pelo auditorio. Neste jenero o lugar de destaque cabe ao camarada A. Ranjel que é um verdadeiro artista, tem creações maravilhozas, é inimitavel, é unico!

E, para completar a «troupe» dispomos ainda de elementos de primeira ordem...

Isto é apenas uma lembrança...

João Moxila.

A greve dos cocheiros da Brahma

De acordo com o que ficou resolvido na assembleia joral realizada pelo Centro Cosmopolita, no dia 14 do corrente, foi dirigido o seguinte officio á Companhia Brahma:

«O Centro Cosmopolita, como genuino representante dos trabalhadores em hotéis e classes anexas, está ligado, já pela comunidade de interesses, já por acordos previamente aceitos, com a maior parte dos trabalhadores organizados do Rio de Janeiro. Nesta continjencia é, portanto, obrigado por uma questão de dignidade a tomar resoluções estrema a proposito da questão suscitada entre a diretoria dessa Companhia e os nossos camaradas cocheiros.

Claro que a nossa attitude ha de ser fundamentada nos elevados principios de justiça que hoje em dia animam as multidões oibreas. Temos que firmar a nossa acção nos principios nobres da solidariedade de classe? Chamados a intervir amigavelmente nesta questão, os representantes do Centro Cosmopolita procuraram resolver-la de uma maneira satisfatoria para ambas as partes. Entretanto a intransjencia dos representantes da Brahma accentuou-se de uma maneira prepotente até ao ponto de desconsiderar completamente as nossas antigas relações, por motivo das quais esperavamos ser atendidos.

Errámos, porém; e vimos que o capitalismo absorvente, em todas as suas manifestações, é inteiramente egoista e arrogante, despreza tudo quanto ha de mais nobre e justo nas aspirações humanas.

Pois bem, fracassada a nossa primeira tentativa no sentido de fazer com que a questão fosse resolvida satisfatoriamente, sem prejuizo para a Companhia, levamos hoje ao conhecimento de V. V. S. S. que se a referida questão com os nossos camaradas cocheiros não for resolvida satisfatoriamente até segundo feira, ás 8 horas da noite, a assembleia «monstro» que se realizará no mesmo dia, ás 10 horas, aprovará a boicotagem dos produtos da Brahma, isto de acordo com toda a classe caixeiral dos Estados e com o apoio do proletariado organiado do Brazil. Será previamente combinado um plano jeral de acção entre todos os trabalhadores organizados do Brazil, contra os produtos da Brahma em todo o territorio da Republica.

Juizo final

A acção dos massimalistas na Russia, consequencia imprevista da maravilhosa revolução ali operada abalou o velho mundo.

Quem lançar os olhos para a Europa de 1914 e para a Europa transfigurada e convulsionada de hoje, experimenta a estranha sensação de que o mundo, mau grado a derrocada da guerra colossal, teve um avanço de séculos.

A imprensa europeia, alarmada, reflete essa impressão fragorosa.

Póde dizer-se, sem metafora, que neste momento o ruminol das idéas, a revolução social que se propaga no Ocidente, têm maior repercussão que a voz que brame, e estronda, e ruje dos canhões.

O vulcão, que irrompeu das estepes nuas, estende-se, espalha um rastilho de incendios. Dezenadeia tempestades de fogo. Fagulhas, idéas em chispas.

As lavas chegam até as camadas proletarias da Austria-Hungria. Inflamam os trabalhistas da Inglaterra. Despertam o povo em letargo, da propria Alemanha. Sopram o anarquismo e o socialismo formidavel da Hespanha, explodindo no seu reduto massimo: Barcelona.

Do diluvio de sangue desta guerra universal, já surtiu da tona do século XX a libertação da Russia, preza milenaria do absolutismo dos Romanovs. E esurje a hipoteze victoriosa da redenção da Polonia, a vitima eterna da politica ignobil da tirania; esboça-se a independencia da Palestina, da Armenia, dos povos até agora oprimidos pela Turquia. Começa a derrocada do imperialismo das nações, ao influcco da onda invencivel do movimento libertario das classes populares, asfisiadas pelo guante do militarismo.

Ajita-se a Hespanha, refrataria ao clericalismo que lhe proporciona um suicidio lento.

Ecoá no mundo inteiro o clamor do proletariado.

Dinastias rolam. Ensaia-se o desmoronamento vertiginoso das velhas monarchias autocraticas.

Triunfam as idéas igualitarias de uma verdadeira democracia; — é como o toque estridulo de mil clarins guerreiros, o rebate dos novos ideais.

As trombetas, sopradas de milhóis de bocas, anunciam a hora do esplendido triunfo, a hora augusta e solena da Ressurreição.

A idéa marcha, e marcha para a victoria completa, para libertação definitiva dos povos.

Começa a raiar o dia do Juizo Final de todos os tiranos.

Saul de Navarrao.

O brodio da «Benefica»

A posse da diretoria patronal da Associação Benefica dos Empregados (sic) em Hotéis, constituiu um verdadeiro successo...

Distribuição de convites a granel: foram convidadas (por descuido, naturalmente) e entre ellas o Centro dos Carpinteiros. Siga a marcha... O camarada Candido Costa, representando a classe dos carpinteiros, feriu a attenção jeral causando um quasi escandalo quando com a sua prverbial sem cerimonia começou a dezanear valentemente aquelas suculentas alimarias. Mas isso não constava do programa, o camarada Candido foi acrememente censurado pois teve a petulancia de uma associação familiar e, demais dizer uma puhaldo de duras verdades, e não foi para isto que a sua associação fôra convidada e... claro só mesmo um coice!

Mas do que eles gostaram foi do luzo-brazileiro Dr. Pinto da Rocha, esse sim, encheu-lhes as medidas — ha que ver! Contou-lhes entre outras historias bonitas, a da formiga que trabalha dia e noite, sem jamais reclamar — pudera! — muito bem! flores em profusão, um delirio, o homem foi todo amarrado... a patadas! Um colosso, assim é que era, trabalhar dia e noite!

Depois o advogado deles grunhiu tambem as suas couzas.

Nesta altura achamos prudente nos retirarmos pois o nosso estomago começava a dar sinais de revolta diant e de tudo aquilo...

Albernaz.

Carta aberta

Ao Dr. A. Chateaubriand

JENIAL SOCIOLOGO:

Li o seu tormentoso artigo apocaliptico— «O Crepusculo Esclavo» — e não rezisto ao desejo de transmitir-lhe as espresões do meu entusiasmo. Mas foi tal o deslumbramento que em meu espirito de «hirsuto massimalista» produziu o seu verbo coruscante, que ao cabo de 4 dias não me sinto ainda senhor de mim mesmo para tratar de tudo que V. disse.

Referir-me-ei, pois unicamente áquelles trechos que, a meu ver, constituem a sua maior gloria.

Você é um «bieho de prespicacia e lojica!»

Sabe porque é que eu digo isso! Eu supunha, por exemplo, que Wilson tem sempre os olhos voltados para a Russia com o fim de impedir que Alemanha, Austria e Japão se tornem senhores unicos daquele grande mercado. Quando os Estados Unidos se opuzeram á intervenção japoneza na Siberia, foi, parece-me, o que toda jente pensou...

Mas, qual! estavam todos enganados.

Lendo a ultima oração do grande estadista americano, V. descobriu que o seu interesse paternal pelo «colosso agonizante» é a tradução fiel de uma incomparavel jenerosidade, aliada á observancia estrita do principio das nacionalidades. Em seguida V. constata que «por mais paradoxal que possa parecer, é fóra de duvida que a retaliação da Russia em varios estados pequenos corresponde nitidamente a um dos capitulos do programa de paz da Entente: o principio das nacionalidades.» Reconhece tambem V. que o Estado russo com o seu imperialismo centralista era um monstro de tirania que tudo estrangulava; que desnacionalizou tudo, devorando desde a autonomia politica dos povos até a do individuo, etc. E, a proposito, V. erudito que é, cita dois illustres sociologos, um russo e outro alemão (V. é imparcial...)

Leio mais adiante no seu artigo: «Antepondo-se a essa finalidade da evolução politica eslava, os massimalistas atacam o edificio estatista, fragmentando-o numa Ucrania independente, porque ela tem uma coloração social diversa da grande Russia; numa Polonia independente, porque essa já teve a sua liberdade; e entregando as provinciss balticas aos alemães, porque as suas raizes profundas na nacionalidade germanica. E' a victoria do principio das nacionalidades, do que o presidente Wilson denomina a «Self-determination».

E vai daí V., idólatra de Wilson e partidario da Entente como todo bom patriota brasileiro, lo-

jicamente conclui:

«Mas isto mostra unicamente a injenuidade dos homens que estão governando a Russia, cujos jestos definem admiravelmente a psicologia de um povo habituado a viver a hora presente, o momento actual, que é para ele a hora culminante. Esclavo que tem do mongol e do absolutismo budista, pouco se importa com o passado ou com o futuro. Os massimalistas quizeram construir uma Russia sem nenhum zelo pelos elementos de tradição, sem qualquer consideração pelo futuro nacional.»

(Quem foi que disse que ha por aqui incoerencias?)

Depois de umas declamações commovidas e pateticas sobre a «anarquia russa, o descabro moscovita, o illustre mestre eate-dramaticamente pontifica. «O maior erro dos Aliados foi o abandono da Russia á sinceridade hirsuta dos massimalistas, em cuja voragem se volatilizaram todos os simbolos do nacionalismo moscovita, desde o trono até a igreja e a grandeza territorial. Entregue a si mesma, sem o corretivo de uma força tutelar, ela sossobrou.»

Por todas essas razões e obedecendo ainda á mais rigorosa lojica acha V. que o bloco anti-germanico, que se bate pelo direito e pela liberdade dos povos, deve, com Wilson á frente numa «cruzada jenerosa», (pela «força tutelar» de seus canhões, naturalmente...)

Lançar-se á salvação do povo russo das garras... da liberdade e do direito!

(Para quê, sr. Chateaubriand?) Ora, se os governos dos paizes aliados realmente se empenham pelo triunfo dos principios em nome dos quais tem levado á man-tença as massas populares sujeccionadas por tão belas abstrações, sendo isso verdade faltariam eles ao «mais sagrado dos deveres», se não premiassem rejamente o serviço que vem de prestar-lhes V., o nobre apóstolo da liberdade, do direito e do progresso!

Reverencia-o, humildi, o plebeu

T. d'Avila

Rio, 27-5-1918

O presente artigo sai retardado em sua publicação por ter sido primitivamente destinado a um jornal burguez que o recusou.

CAFE' E BILHETES

Perfecto Gonzalez & POSE

Arcos, 24

TELEPHONE C. 2462

Aberto até 1 hora da noite

COMPANHEIROS! Tomai uma ação do jornal diario da U. J. T. R. J. A 3\$000 cada uma Reembolsavel ou conversivel em assinatura.

Companhia Hanseatica

Bebam as cervejas
**Polar,
Cascatinha,
Iracema e Sumaré**

Fabricadas com agua da Tijuca, captada na
propria nascente

Fabrica de Cerveja Oriente
de José Vasquez Ferro
Rua Visconde do Rio Branco 30



GARIBALDI
Pitoresco parc ao ar livre
(Entrada pela rua da Constituição 53)
TELEFONE C. 1573
Rio de Janeiro



Café e Bilhares do Campo

Casa especial em, café, chocolate, leite de Minas, mingaus, gomadas e ceias
ABERTO ATE' A' 1 HORA DA NOITE

José Antonio de Azevedo

R. Frei Caneca, 1

Canto da Praça da Republica e esquina da Rua Barão do Rio Branco

TELEPHONE: C. 3750

RIO DE JANEIRO



NÃO HA DUVIDA que é na
CASCATA DO MINHO,
a afamada casa de petisqueiras, sob a competente direcção do Passos, é o unico restaurante onde se pode comer bem e a preços modicos, nestes dias de apertada parcimonia...

RUA DO LAVRADIO, 11 - Telephone C. 4725

BEBAM

CAXAMBÚ

**A soberana das
aguas de meza**

RIO DÃO O vinho de meza preferido

IMPORTADORES

J. Ferreira C.

**Cerveja Park Bier. Estomacal e nutritiva
PRAÇA TIRADENTES, 27**

CASA TIM-TIM POR TIM-TIM

SEMPRE NA PONTA

ESPECIALIDADE EM PETISQUEIRAS A' PORTUGUEZA
E "COM ELLAS E SEM ELLAS" - ABERTO ATE' 1 HORA DA NOITE

Rua do Lavradio n. 41 - Telephone 3229
RIO DE JANEIRO

DURAN & BARBOSA

"Casa Rist"

Deposito excludivo de productos nacionaes

VINHOS E CONSERVAS

Rua 7 de Setembro n. 77 Telephone 455 - Central

BEBAM

SALUTARIS

A Rainha das

Aguas de Meza

Solidarios com os companheiros da Associação de Resistencia dos Cocheiros, Carroceiros e Classes Anexas, na luta em que se empenham contra a Companhia Brahma, rezolvemos romper com esta Companhia as nossas relações, suspendendo o seu anuncio.

Se continuassemos a publicar semelhante anuncio, diante do ato da Companhia Brahma, que acaba de lançar á rua uma centena de trabalhadores por terem sabido defender dignamente os seus direitos, seria da nossa parte um triste exemplo de deslealdade e traição á cauza proletaria. Os empregados de hotéis, restaurantes, cafés, bars, etc. não podem e não devem conservar-se indiferentes ao jesto de brutal autoritarismo com que a Brahma recebeu a justa reclamação dos seus empregados. Todos nós estamos ligados a esses companheiros pelos laços da mais estreita afinidade de sentimentos e de interesses, porque, como eles, vivemos sob o jugo capitalista, ao passo que nenhum laço nos pode unir á poderosa Brahma, propriedade de arjentarios ociosos que nada porpuziuo em beneficio da humanidade, uzufrem uma vida de gozos. Portanto, em reprezalha á Brahma, não vendamos os seus produtos!

